

## **Seminário Desenvolvimento: Problemas e Perspectivas**

Fundap em 24 de abril de 2008

Transcrição com base na Exposição realizada por

**Júlio Sérgio Gomes de Almeida**

Dr em economia, Professor do Instituto de Economia da Unicamp  
e Diretor Executivo do Instituto para o Estudo do Desenvolvimento Industrial

### **Desenvolvimento: Situação e Perspectivas**

Quero de início retomar alguns pontos mencionados na exposição do Prof. Cláudio Salm. São pontos que eu valorizo e considero verdadeiras novidades.

O primeiro ponto é que estamos assistindo a um processo de recuperação de nossa capacidade de planejamento e dos investimentos públicos, especialmente com o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). O PAC representa um avanço na medida em que estabelece claramente quais devem ser nossas prioridades. Isso é muito importante, pois define uma estratégia a partir de uma visão global, algo que há muito fazia falta. Mas, em que pese este avanço qualitativo, temos que reconhecer que o volume de investimentos previstos no PAC é muito pequeno. Sem considerar as empresas estatais, mas só o investimento que consta do Orçamento, este já atingiu no passado algo como 4% do PIB. Eu me contentaria com 2%, dado que hoje está reduzido a 0,5% do PIB. Com o PAC chegaremos a 1%. Poderíamos ter dois novos “PACs”.

Em segundo lugar, registro que assistimos a uma mudança extremamente importante no nosso meio empresarial. O tema foi mencionado rapidamente e eu quero sublinhar o que vejo como um marcante aumento da capacidade de nossas grandes empresas de participar do processo de desenvolvimento, uma capacidade que elas não tinham no passado. As empresas nacionais, a reboque da empresa estrangeira e da empresa estatal, eram, inclusive, rotuladas de “a pata fraca do tripé”. Não é mais assim. Hoje já temos empresas nacionais fortes e globalizadas. Se ainda não são tão fortes em produção de inovações, certamente acompanham o desenvolvimento tecnológico em curso e demonstram possuir competitividade. Foram capazes de resolver os problemas de governança mesmo que nem todas tenham profissionalizado suas administrações e seguem sendo empresas familiares. Estão investindo muito e estão plenamente

capacitadas a participar efetivamente desta fase de retomada do projeto de desenvolvimento.

É justamente dessa conjunção de esforços que precisamos. Vejam o exemplo da China: escolhe, sim, os vencedores, exige das empresas estrangeiras que se associem a empresas locais, pratica uma política industrial agressiva, não respeitam as normas universais quanto à política de crédito até porque se o fizessem, muitos de seus bancos quebrariam. Quanto ao cuidado com o meio ambiente nem se fala. Tenho dúvidas se será capaz de reverter o estrago que vem causando, tal o grau de degradação que já provocou. O respeito à propriedade intelectual é pequeno. Mas, atenção, tudo isso está mudando rapidamente e a China transita de um modelo essencialmente baseado em mão-de-obra barata para outro com salários mais condizentes, seguindo a trajetória dos outros casos asiáticos de sucesso. A China é hoje o 3º país em investimento em P&D, atrás apenas dos EEUU e do Japão (se não considerarmos a União Européia como um todo). No Brasil ainda estamos distantes disso.

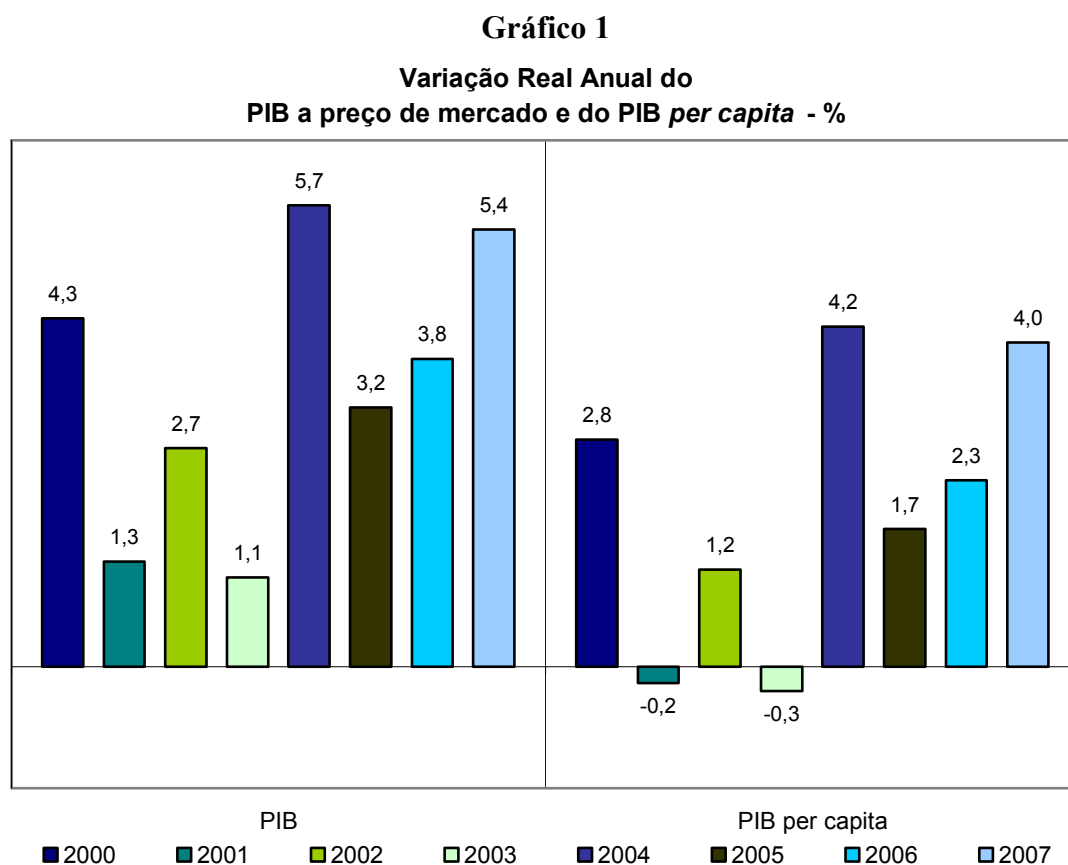
A despeito de todas as análises sobre a nossa abertura comercial e financeira, cabe chamar a atenção para o fato de sermos ainda uma economia bastante protegida e, portanto, capazes de apresentar um grau razoável de autonomia. Graças a isso não corremos o risco de sermos atropelados pela China como outras economias mais frágeis. Temos os nossos trunfos e entre eles destaque o pré-sal, as descobertas altamente promissoras de petróleo e gás que irão pesar decididamente. Eventualmente para o mal, se sucumbirmos à ameaça da doença holandesa. De qualquer forma, existem ainda muitos problemas a superar até tornar essas reservas disponíveis para dar um grande impulso ao nosso desenvolvimento.

Mesmo assim, o governo já deveria estar tomando medidas que garantam efetivamente seu controle sobre essa nova riqueza que, afinal, não pertence ao governo, mas ao Estado brasileiro. Não tenham dúvidas, assistiremos a um enorme assédio a essa riqueza. Temos que rever completamente nossa legislação de concessões nessa área e assegurar o aproveitamento das reservas para a sociedade brasileira. Por maior que possa ser – ainda não confirmamos sua dimensão – é finita. Não pode ser desperdiçada, tem que ser preservada e investida no desenvolvimento econômico e social como outros países estão fazendo. O melhor exemplo, entre vários outros, é o da Noruega que criou

seu Fundo Soberano, através do qual faz aplicações inteligentes. Essa é uma forma de perpetuar uma riqueza finita. Se tivermos sabedoria faremos o mesmo e resistiremos ao vendaval Chinês. A política industrial que está por ser anunciada representa um grande passo na formulação de uma nova estratégia de desenvolvimento e, podem ter certeza, será muito criticada pela ortodoxia.<sup>1</sup>

São essas as considerações iniciais que eu queria fazer. Dou seqüência à minha exposição através de um exame do nosso desempenho de 2000 pra cá.

Na média tivemos um crescimento muito baixo, como podem ver (Gráfico1).

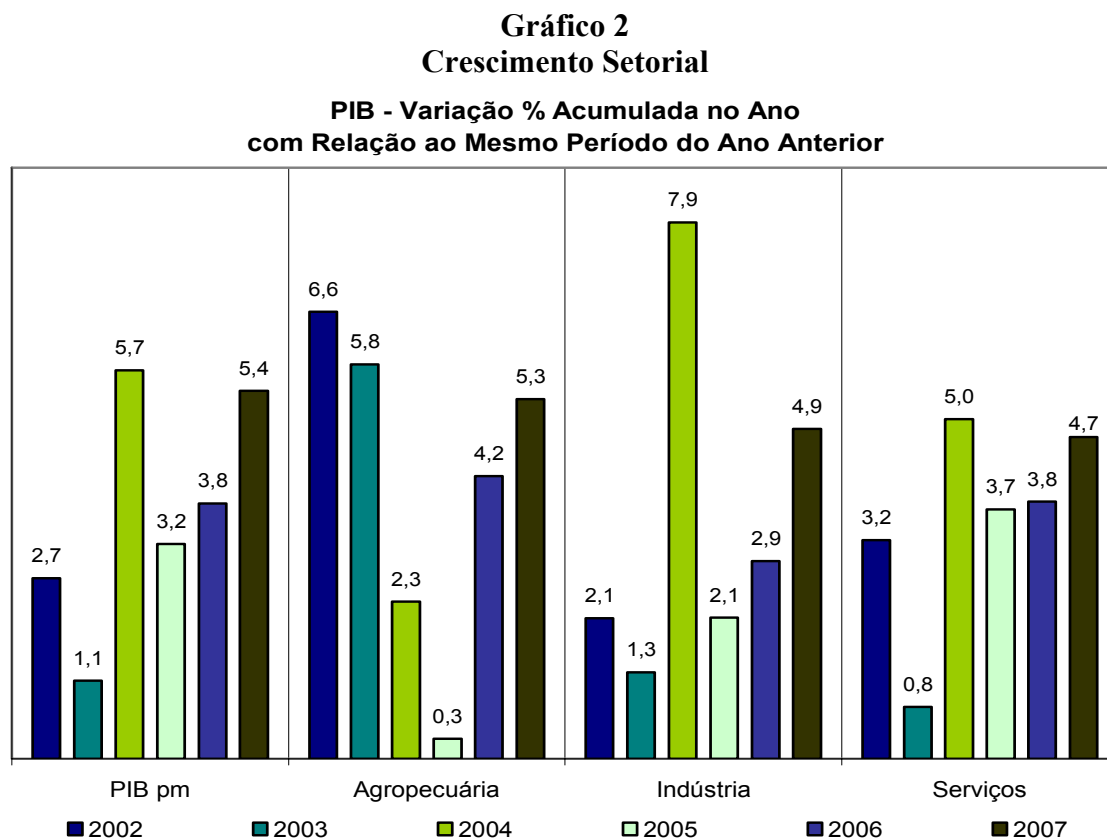


Quero ressaltar que, ao contrário do padrão anterior (surtos efêmeros de crescimento), o forte crescimento de 2007 não derivou de qualquer plano ou guinada na política econômica. Também não dependeu de desvalorização cambial, ao contrário, deu-se com apreciação cambial. Ou seja, a valorização do Real ocorrida nesse ano e em anos anteriores não se traduziu em estagnação, o que é outra novidade. Qual o significado

<sup>1</sup> A nova política industrial foi anunciada poucas semanas depois do seminário.

disso? Será que estamos diante de um novo modelo de crescimento? Se lográssemos manter essa taxa, dando continuidade ao processo de redistribuição de renda, seria ótimo.

Vejamos o que ocorreu com os setores da economia (Gráfico 2).

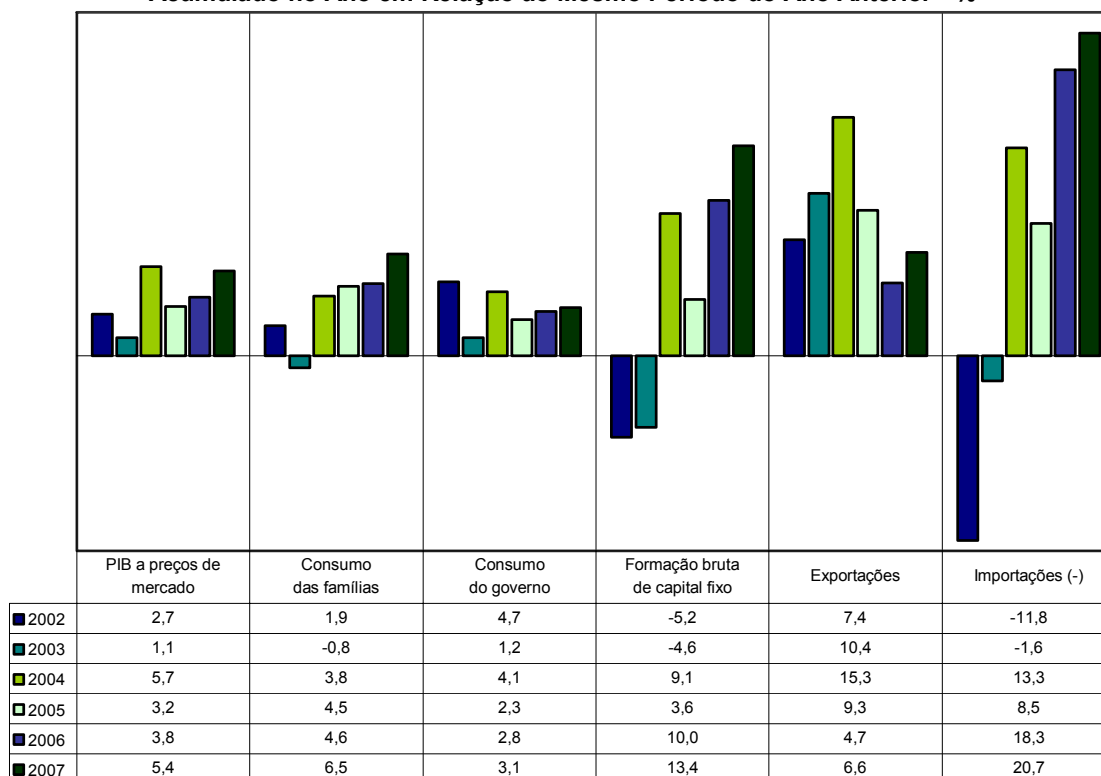


Tanto em 2000 como em 2004 tivemos um crescimento quase explosivo da produção industrial, o que não é necessariamente algo bom, pois dificilmente se sustenta. Melhor é um padrão como tivemos em 2007, quando todos os grandes setores cresceram simultaneamente, inclusive os serviços. Chamo a atenção para o setor de serviços que pode ter no Brasil de hoje um dinamismo muito maior que no passado. Basta pensar na expansão de TI (tecnologia da informação). Com toda a importância da agricultura, esta não tem o potencial de dinamismo que têm os serviços. Entretanto, eu sou da opinião que o Brasil ainda tem no crescimento da indústria o seu carro chefe, diferentemente de outros países em que a indústria já alcançou um elevado grau de maturidade.

Também da ótica da demanda (Gráfico 3) o crescimento recente apresentou novidades.

**Gráfico 3**

**Desempenho Macroeconômico sob a Ótica da Demanda**  
**Acumulado no Ano em Relação ao Mesmo Período do Ano Anterior - %**



Dessa ótica, quem puxou a economia em 2007? Não foi o governo, que não aumentou sua participação no gasto total e tampouco foram as exportações, que cresceram a um ritmo bem menor que o das importações, um reflexo da nossa política cambial. Como assinalou o Prof. Cláudio Salm, o que vem dando dinamismo à economia é o consumo das famílias (6.5%) e o investimento privado (13.4%). Dado que o volume de investimento no Brasil ainda é baixo – algo como 17% do PIB – o impulso relevante foi o do consumo das famílias que representa uns 60% do PIB. Foi o aumento do consumo que acelerou a taxa de crescimento dos investimentos. Ou seja, o crescimento está sendo inteiramente movido pelo mercado interno, pelo consumo que fez o investimento vir a reboque. Claro que se tivéssemos um outro modelo, baseado numa estratégia, numa forte política industrial, o quadro seria outro e os investimentos, públicos e privados, seriam os maiores indutores.

Quero sublinhar que o nosso empresário reage aos sinais do mercado e, no caso de uma nova elevação dos juros<sup>2</sup> provavelmente assistiremos a um arrefecimento no ritmo dos

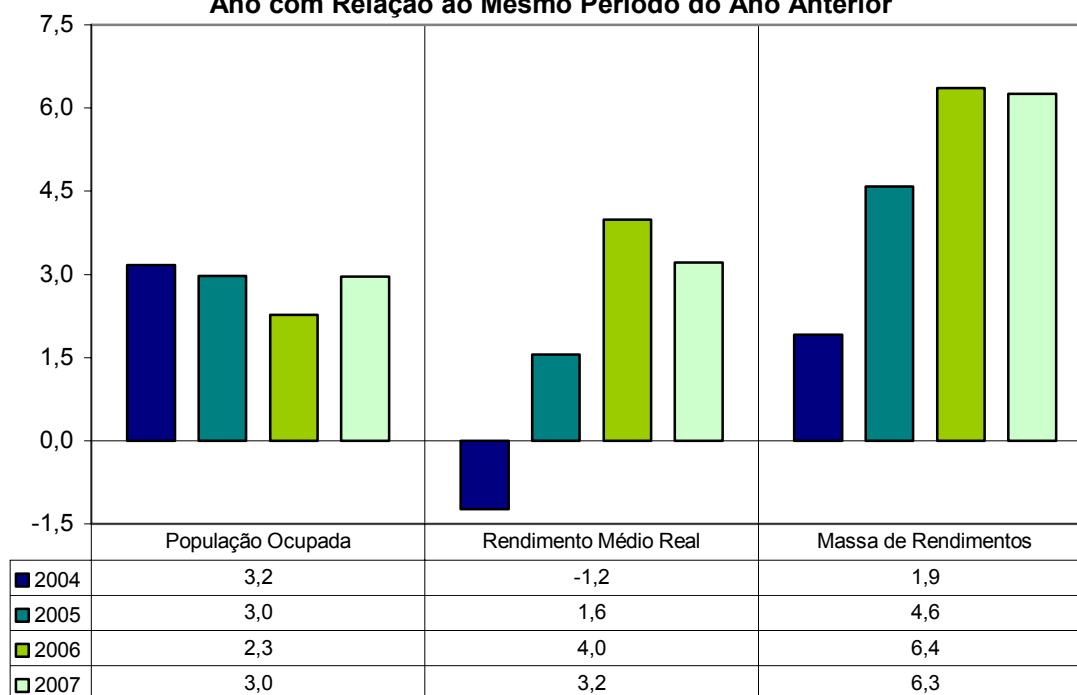
<sup>2</sup> Que ocorreu na semana seguinte ao seminário.

investimentos. No que os empresários brasileiros ainda se mostram tímidos é em assumir riscos por conta de investir na frente da demanda e investir em inovações. Este comportamento decorre em grande medida da volatilidade do nosso crescimento.

E como se explica o forte crescimento do consumo? A expansão do crédito foi importante, sem dúvida, mas o que realmente está na base desse crescimento é a massa de rendimentos (Gráfico 4), ou seja, emprego e remuneração do trabalho que vêm aumentando e mantiveram o crescimento no primeiro trimestre de 2008.

**Gráfico 4**

**Total das Regiões Metropolitanas  
População Ocupada, Rendimento Médio Real  
e Massa de Rendimentos - Variação % Acumulada no  
Ano com Relação ao Mesmo Período do Ano Anterior**



O crédito ao consumo e a massa de rendimentos do trabalho explicam a explosão do nosso mercado interno. Note-se que o índice de inadimplência das pessoas físicas tem se mantido estável, o que significa que, pelo menos por enquanto, não existem sinais de deterioração neste aumento do crédito.

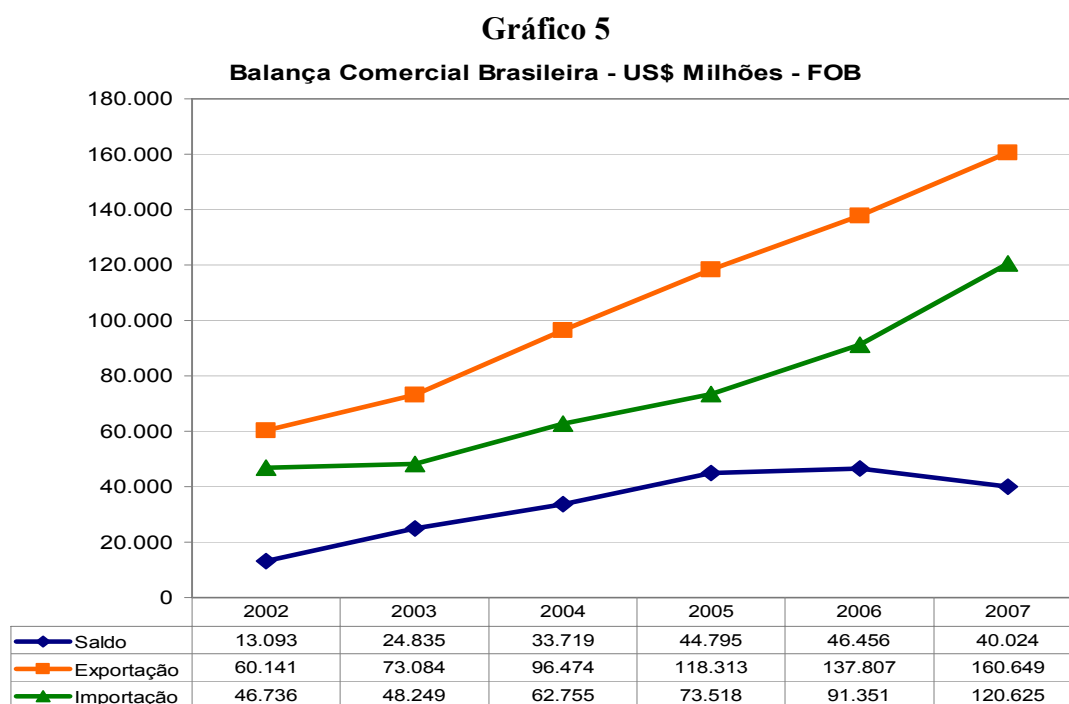
Cabe mencionar também, entre as causas da expansão do nosso mercado interno, os gastos sociais do governo que, por sua vez, explicam o aumento dos gastos públicos. Além desses (ou entre esses), menção deve ser feita à política de recuperação do salário

mínimo. O salário mínimo alcança o país como um todo e os que recebem tal aumento possuem uma elevadíssima propensão ao consumo. Quanto ao aumento real do salário mínimo, existem aqueles que criticam sua eficácia quanto ao objetivo de atingir os mais necessitados, os mais pobres entre os pobres. Entretanto, nenhuma política de transferência de renda é de execução tão eficiente quanto a política de valorização do mínimo. Em outras palavras, se quero dar um aumento de dez reais aos beneficiários do salário mínimo, basta aumentá-lo em dez reais, ao passo que, se quero dar um aumento de dez reais a beneficiários que não dependem do salário mínimo, o gasto será bem maior, pois sabemos que uma parte fica pelo caminho. O que não significa que a política de aumento real do salário mínimo não tenha também impactos no gasto público, principalmente através dos benefícios previdenciários. Se somarmos os gastos com complementação de renda, como o Bolsa Família, e os gastos com juros, chegaremos a algo como 10% do PIB, o que é extremamente pesado. Se a melhoria do padrão de vida dos pobres pudesse resultar mais do crescimento econômico sustentado e se tivéssemos taxas de juros mais alinhadas com o padrão internacional, não precisaríamos da elevada carga tributária que temos. A meu ver uma carga de 30% do PIB estaria de bom tamanho. Não podemos esquecer que nossa estrutura tributária é muito elástica em relação ao crescimento econômico, de modo que cortes em determinadas alíquotas poderiam ser facilmente compensados pelo crescimento sustentado da economia. É mais ou menos o que estamos verificando após o fim da CPMF. Mas, voltemos ao exame do mercado interno.

Claro que não podemos contar com a continuidade, com a permanência de taxas tão elevadas do crédito e dos rendimentos. Mas, mesmo que venham a arrefecer, ainda teremos um crescimento robusto do mercado interno. Nem por isso podemos negligenciar as exportações cujo crescimento é o que caracteriza o processo de desenvolvimento como mostra a experiência internacional. A grande exceção foi o caso americano, mas será que é este o modelo que queremos? Bem, se fosse, teríamos que incorporar também algumas de suas políticas como o protecionismo, como a ênfase na produção de bens-salários (bens de consumo popular) e como a montagem de um forte complexo industrial-militar. Ou será que queremos voltar à estratégia anterior, cepalina, de crescimento para dentro? No longo prazo isso não faz mais sentido. Temos que repensar nossa reinserção no mercado externo, como assinalou o Prof. Claudio Salm. Sim, porque o mercado interno por si, por mais dinâmico que seja não é capaz de

sustentar por muito tempo taxas tão elevadas como as que estamos experimentando na produção industrial, especialmente na produção de bens de capital.

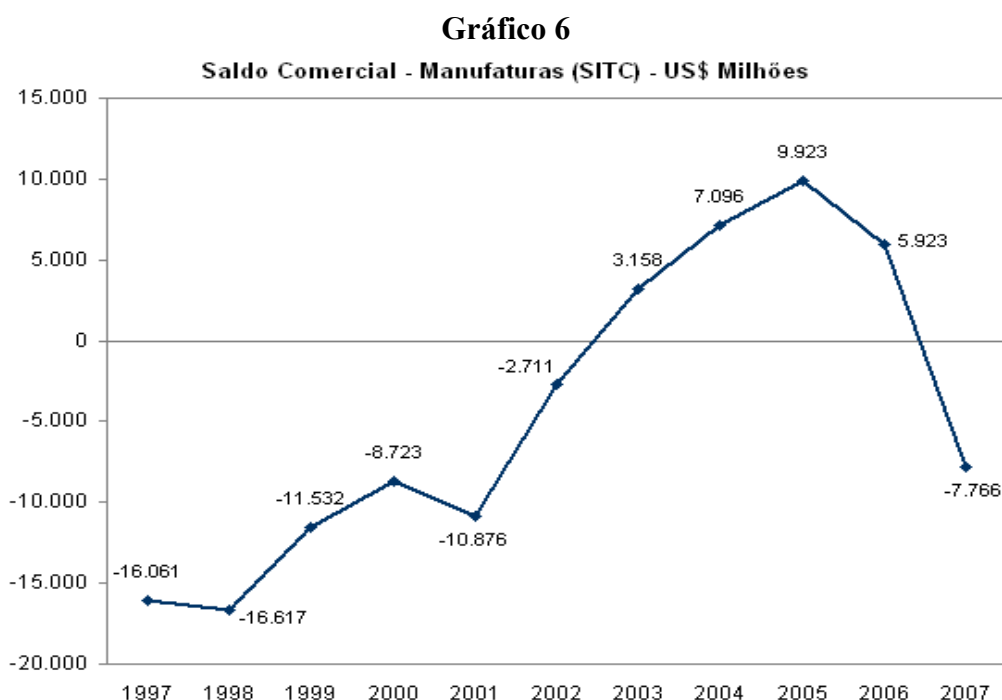
Examinemos, portanto, como último ponto de minha exposição, a nossa situação externa.



Observem os sucessivos saldos que logramos obter na nossa balança comercial (Gráfico 5), em torno de US\$ 40 bilhões nos últimos quatro anos. Foi o que nos permitiu contornar nossa tradicional vulnerabilidade externa e acumular um nível de reservas que nos dá hoje alguma tranqüilidade diante de um possível encolhimento do crédito internacional.

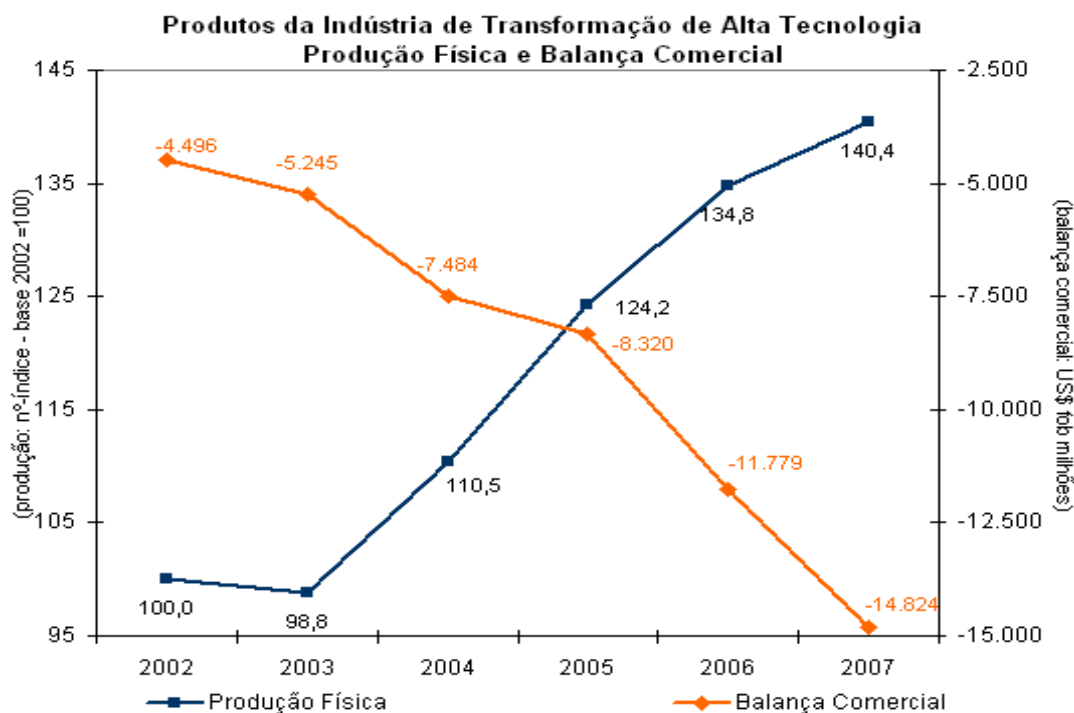
Mas, se olharmos para frente, nem tudo são flores no *front* externo. O nosso saldo comercial vem diminuindo em parte pela diminuição do quantum (volume) de exportações e, principalmente por conta do aumento das nossas importações, fruto da apreciação cambial. Como já foi apontado pelo Prof. Cláudio Salm, a valorização cambial tem sido usada como o grande instrumento antiinflacionário. Mas agora, com a elevação dos preços internacionais das *commodities*, particularmente por conta dos preços dos alimentos, as importações exercem uma pressão inflacionária. Grande parte daquele aumento no valor das importações se deve aos preços mais elevados.

Quanto às exportações, a valorização cambial vinha sendo compensada pela elevação dos preços. É fácil prever grandes dificuldades a partir do momento em que esses preços desinflatem. Não estou prevendo qualquer catástrofe para 2008, mas e em 2009, 2010? Será que seremos salvos pelas novas descobertas de petróleo e gás? Não sei, mas observem que o saldo comercial da indústria (Gráfico 6), que não foi nada desprezível de 2003 a 2005, sofre uma queda em 2006 e afunda em 2007, tornando-se fortemente negativo por causa da valorização cambial.



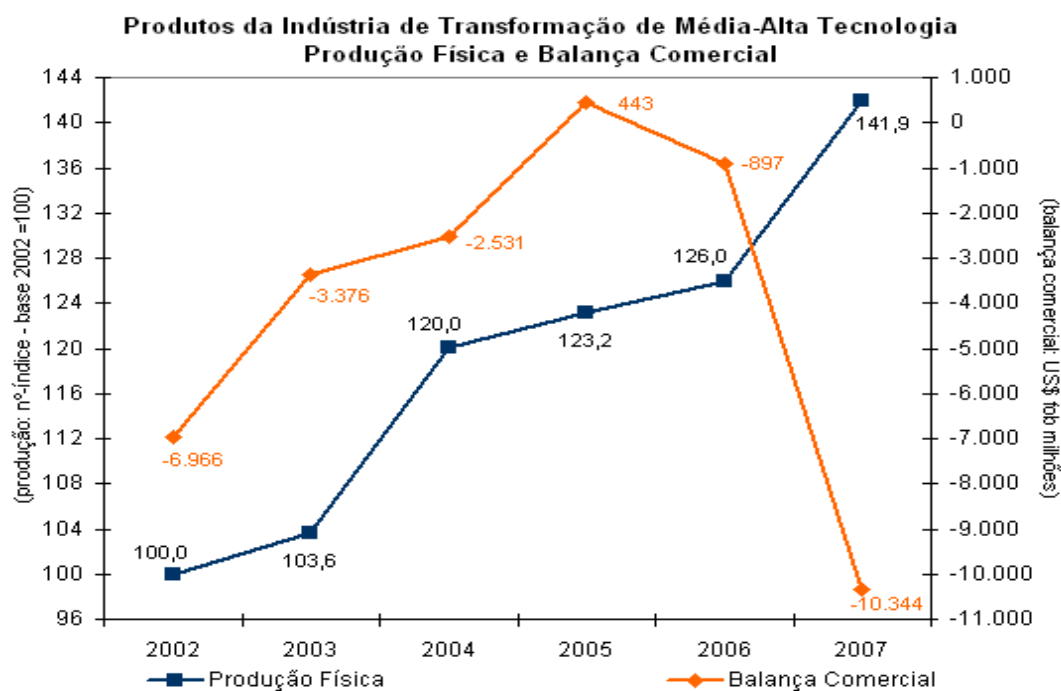
Se desagregarmos a produção industrial por intensidade tecnológica, podemos ver (Gráfico 7) o resultado desastroso do nosso saldo comercial em produtos de alta tecnologia (eletrônicos, instrumentos de precisão, aviões, fármacos). É certo que o câmbio tem muita influência aqui, embora outros fatores tenham peso importante, como a política industrial. Se quisermos crescer incorporando tecnologia, é previsível que seguiremos tendo déficits muito fortes no comércio.

### Gráfico 7

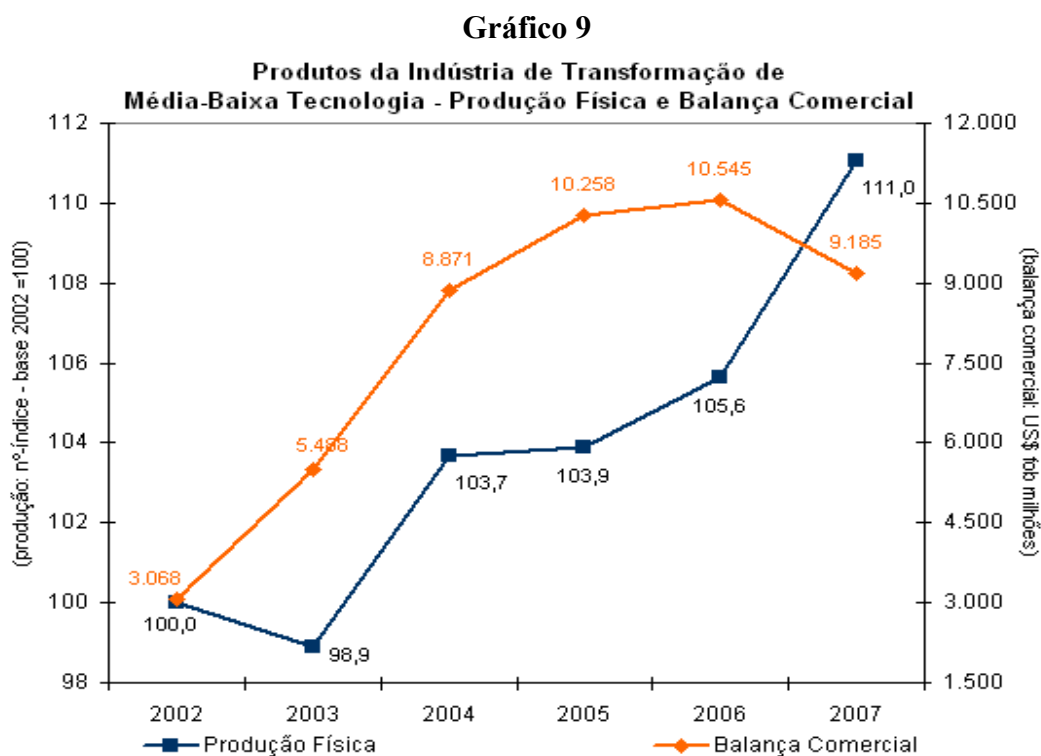


No caso dos produtos de média-alta tecnologia (automóveis, bens de capital, química), podemos observar (Gráfico 8) outro colapso em 2007. Impressiona a rapidez com que se inverteu a situação, especialmente na indústria química que deverá receber uma atenção especial na nova política industrial.

### Gráfico 8



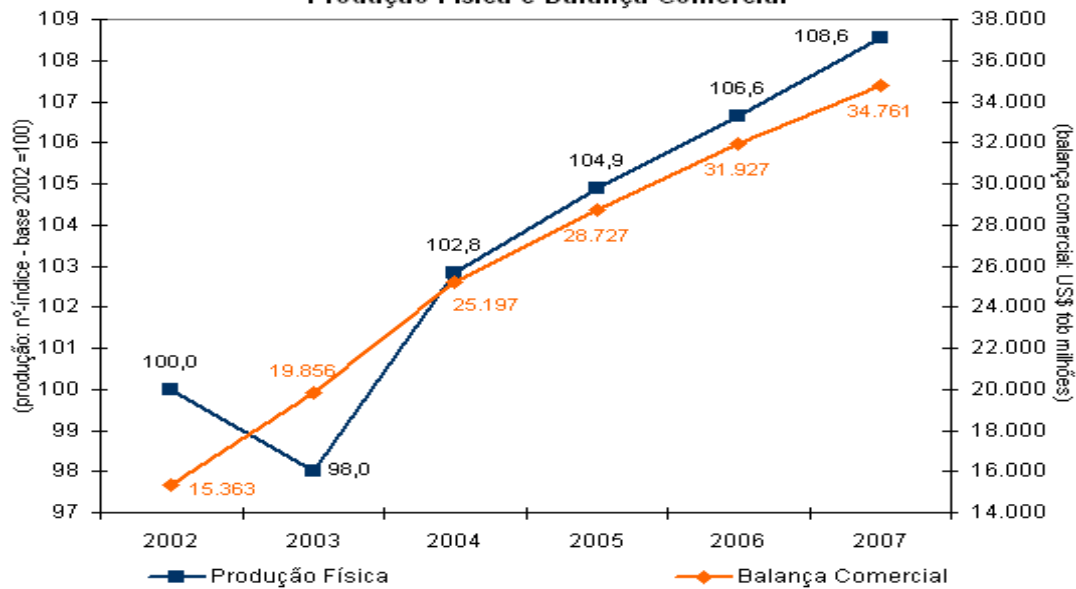
Passando aos setores de média-baixa tecnologia (insumos generalizados, como siderurgia, metalurgia, minerais não-metálicos) vemos (Gráfico 9) que a situação é mais tranqüila, pois mantivemos a produção e a competitividade, embora tenhamos que estar atentos para a agressividade comercial chinesa. Manteremos nossa competitividade nesses setores desde que sejamos capazes de enfrentar os gargalos especialmente os devidos à nossa deficiente infra-estrutura.



Finalmente, quanto aos produtos industriais de baixa tecnologia (principalmente alimentos), vemos que a situação é gloriosa (Gráfico 10). O melhor aqui é não mexer em nada.

**Gráfico 10**

**Produtos da Indústria de Transformação de Baixa Tecnologia  
Produção Física e Balança Comercial**

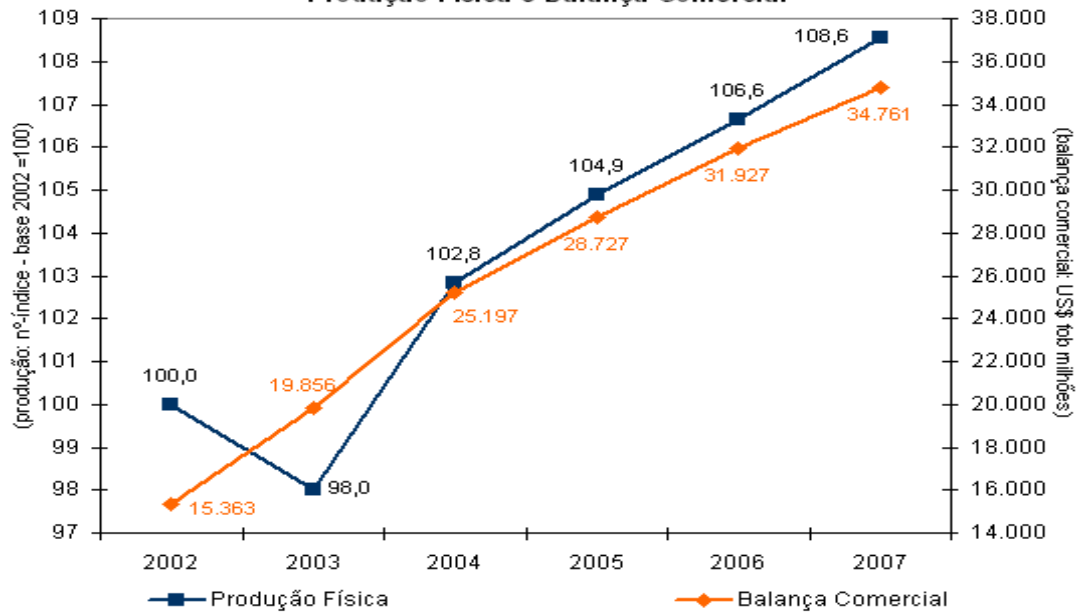


O perfil das exportações, num quadro de livre comércio como o que vivemos, é um retrato da estrutura industrial de um país. Se quisermos melhorar este perfil teremos que avançar na recuperação da capacidade de planejar e de investir do setor público; teremos que articular as empresas estatais (que ainda têm importância) com o que temos de melhor na nossa renovada capacidade empresarial; fazer o melhor uso possível dos novos e promissores recursos naturais; aproveitar o dinamismo do setor de serviços e equilibrar o crescimento do mercado interno com o externo, especialmente nos setores de alta e média-alta tecnologia.

Se, ademais, logramos manter a médio e longo prazo um bom ritmo de crescimento, termino dizendo que encaro com otimismo nossas perspectivas de desenvolvimento.

**Gráfico 11**

**Produtos da Indústria de Transformação de Baixa Tecnologia  
Produção Física e Balança Comercial**



**Obrigado.**